

# Jornal da Unicamp

## Programa ultrapassa patamar de mil cirurgias cardíacas

*Implantado há três anos, serviço coloca a Unicamp entre os principais centros da área*

**A**o completar pouco mais de três anos de sua reformulação, o serviço de cirurgia cardíaca do Hospital das Clínicas (HC) da Unicamp comemora a marca de 1.000 cirurgias realizadas. Segundo o cirurgião cardíaco e responsável pelo programa, Domingo Marcolino Braille, o fato torna o HC referência nacional na área e o coloca no seleto grupo de 20% das instituições de ensino no Brasil que mantêm programas cardíacos gratuitos e avançados. Para Braille, no entanto, "isso é apenas o começo, pois esses números tendem a crescer em escala de progressão geométrica", comenta.

A equipe — formada por 20 profissionais, incluindo o corpo docente do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) — tem agora um novo desafio: suplantar essa marca. Das cerca de 350 cirurgias realizadas anualmente, das quais 50% estão relacionadas a infarto, o grupo passaria a realizar 700 procedimentos ainda neste ano. Isto será possível graças a uma duplicação no número de leitos da Unidade de Terapia Intensiva (UTI), anunciada em dezembro último pelo reitor José Martins Filho. "A área já existe. É necessário apenas um pequeno investimento, que permitirá aumentar para 10 o número de leitos", diz o reitor.

**Complexidade** — Com a vinda do professor Braille



A equipe do serviço de cirurgia cardíaca do Hospital das Clínicas da Unicamp, com o Dr. Domingo Braille ao centro

para a Unicamp em agosto de 1994, iniciou-se no HC um processo de reestruturação total do serviço de cirurgia cardíaca em nível de ensino e de assistência. "É a oportunidade que tenho para transmitir meu conhecimento", afirma Braille. Neste período foram realizados, com sucesso, desde procedimentos mais simples, como a inserção de marca-passo, até cirurgias mais complexas, como alternativas para o transplante de coração. Se fossem feitas em hospitais particulares, as cirurgias menos complicadas teriam um custo médio de R\$ 12 mil.

Um exemplo de procedimento sofisticado que vem sendo realizado no HC é a cardiomioplastia, indicada para casos de insuficiência cardíaca. Fora a Unicamp e o Instituto de Moléstias Cardiovasculares (IMC), de São José do Rio Preto, que juntos detêm 15% desse procedimento feito no mundo, no Brasil esta cirurgia só é realizada por profissionais do Instituto do Coração (Incor). Outro exemplo inédito na região de Campinas é a revascularização do miocárdio, com a técnica minimamente invasiva. Esta operação consiste numa pequena incisão em casos de

lesões da artéria descendente anterior. "O paciente se recupera rapidamente e, em três dias, é possível receber a alta hospitalar", explica Braille.

**Qualidade** — Fator indicativo de qualidade do serviço oferecido pelo HC pode ser verificado pelo índice de mortalidade pós-operatório, que neste período de três anos registrou a porcentagem de 5,5% — semelhante a padrões internacionais. "Isso mostra o surpreendente desenvolvimento do setor num curto espaço de tempo", assinala o superintendente do HC, Paulo Eduardo Moreira

Rodrigues da Silva.

Além do excelente padrão alcançado pela equipe, a nova estrutura do serviço também proporciona a implementação de programas de pós-graduação. Somente no ano passado foram concluídas três teses específicas sobre cirurgia cardíaca. Este aspecto garante à Universidade a procura de médicos de todo país para o desenvolvimento de novas pesquisas. Paralelamente, o programa mantém modelos experimentais em animais para a proteção miocárdica e aprimoramento de um projeto de vídeo cirurgia. (R.C.S.)

### A opção do bagaço de cana

Ele pode se tornar em importante fonte energética  
Página 4



O professor Mano Trindade, da FEM

### Professor lê pouco, diz estudo

Pesquisa foi feita a partir de entrevistas com docentes.  
Página 6



Gláucia: levantamentos e entrevistas

## SUBSISTÊNCIA

# Pesca artesanal persiste na Billings

Represa na região metropolitana de São Paulo é fonte de sustento para famílias de 200 pescadores

**B**illings, a represa com maior volume de água armazenado e potencial manancial para o abastecimento da região metropolitana de São Paulo, é também fonte de renda para pescadores que, desde a década de 30, retiram do reservatório o sustento de suas famílias. A atividade nas águas nem sempre despoluídas da Billings reúne atualmente cerca de 200 pescadores que ainda se utilizam de métodos e instrumentos artesanais, como a tarrafa e a rede de espera para a extração de peixes, e se locomovem durante o trabalho em barcos de madeira ou de alumínio.

Com a reabertura da Billings para a pesca, em 1993, depois de sete anos de proibição, a atividade voltou a tomar impulso, embora não garanta a retirada de espécies nobres, como a tabarana, presente na fase anterior ao represamento. Apesar disso, 58% dos pescadores apresentam rendimentos de até três salários mínimos e nível de escolaridade acima da média dos trabalhadores da mesma atividade em outras

partes do Brasil. Os pescadores, em sua maioria, são moradores de regiões próximas aos 127 m<sup>2</sup> da represa. O universo dos que subsistem da atividade é composto também por mulheres, que somam 16% do total de pescadores e que atuam de forma independente.

O perfil do pescador que trabalha na Billings e a caracterização da pesca naquele reservatório são os elementos centrais da dissertação de mestrado "A pesca artesanal no reservatório Billings (São Paulo)", desenvolvida pela ecóloga Carolina Viviana Minte-Vera. O trabalho, que para ser elaborado demandou acompanhamento da atividade pesqueira na região por um ano, foi orientado pelo professor Miguel Petreire Júnior e apresentado ao Instituto de Biologia (IB) da Unicamp.

**Deterioração** — A ecóloga aponta em sua pesquisa que a diversidade de peixes na represa é, atualmente, inferior à de outros reservatórios da bacia do rio Paraná. Isso ocorreu com a deterioração da qualidade da água da Billings que, 25 anos após sua construção,

com a canalização do Rio Pinheiros e a reversão de seu curso, na década de 50, começou a receber os despejos da região metropolitana de São Paulo. Também contribuíram para a diminuição da diversidade, conforme Carolina, o impacto do represamento e a introdução de outras espécies.

Ainda assim pôde constatar, durante o período em que acompanhou diariamente a atividade de 20 pescadores, que conseguiram retirar da represa aproximadamente 148 toneladas de peixes no ano, comercializados para peixeiros e, em menor escala, para vendedores ambulantes, identificados pelos pescadores como sacoleiros. O desembarque predominante da pesca na Billings, explica Carolina, é de tilápia do Nilo, espécie introduzida no reservatório na

década de 70. A pesca da tilápia corresponde a 81,4% do total anual retirado da represa. Sua sobrevivência e reprodução pode ser explicada pelo fato de a espécie ser resistente a ambientes adversos para outros tipos de peixes. Além da tilápia do Nilo, o lambari, a carpa, a traíra, o saguiri e o bagre também estão presentes no reservatório.

A inexistência de espécies nobres e migradoras, segundo Carolina, demonstra o impacto ambiental gerado, não apenas pela poluição, mas principalmente pelo represamento de rios. Para evitar o desaparecimento das espécies, explica a pesquisadora, é de fundamental importância que sejam mantidos trechos de rio a montante. No caso da Billings isso não foi possível devido a sua posição na cabeceira da bacia. Ao mesmo tempo em que defende a manutenção de ambientes adequados para a sobrevivência de algumas espécies, Carolina alerta para a criação de mecanismos que protejam a ativi-

dade pesqueira no reservatório. "A pesca esportiva realizada com intensidade por moradores da região metropolitana de São Paulo na Billings pode coexistir sem problemas com a atividade econômica que garante a sobrevivência dos pescadores artesanais, embora os pescadores esportivos, muitas vezes, acreditem que a pesca artesanal seja prejudicial", destaca.

No contato de 12 meses na região, Carolina conta que conviveu com pescadores que atuam há 40 anos na represa. Isso indica que a pesca não é alternativa, mas atividade principal desse grupo de pessoas que, por vezes, como ocorreu em 1992, quando a pesca artesanal foi proibida em favor da esportiva, enfrenta sérios problemas. Por isso, diz a ecóloga, para preservar a profissão e a cultura é fundamental que os pescadores se organizem em cooperativas e sindicatos, para que acumulem maior poder de articulação política. (M.C.P.)



Carolina: pesquisa aponta deterioração da qualidade da água da Billings

## O OBJETIVO TRANSFORMANDO SEU FUTURO

### Preços melhores para 98

		manhã	tarde
Pré-escola	matrícula	138,00	138,00
	mensalidade	12x 189,00	12x 189,00
1ª a 4ª séries	matrícula	181,00	155,00
	mensalidade	12x 315,00	12x 309,00
5ª a 8ª séries	matrícula	213,00	195,00
	mensalidade	12x 369,00	12x 320,00
1º e 2º colegial	matrícula	228,00	198,00
	mensalidade	12x 399,00	12x 321,00
3º colegial	matrícula	243,00	198,00
	mensalidade	12x 409,00	12x 329,00

**PRÉ-ESCOLA** • 1º e 2º graus  
matrículas abertas  
central de matrículas -239.5822

centro educacional  
**OBJETIVO**  
barão geraldo

**O Centro de compras de Barão Flâmboyant Geraldo!**

café • cd's • decoração • papelaria • esotéricos • importados • esportivos  
perfumes • confecções • pedicuro • turismo • seguros. À SUA ESCOLHA!  
Av. Albino J. B. de Oliveira, 830 - Barão Geraldo

## UNICAMP — Universidade Estadual de Campinas

**Reitor** — José Martins Filho. **Vice-reitor** — André Maria Pompeu Villalobos. **Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários** — Archimedes Perez Filho. **Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário** — José Tadeu Jorge. **Pró-reitor de Pesquisa** — Carlos Henrique de Brito Cruz. **Pró-reitor de Graduação** — José Tomaz Vieira Pereira. **Pró-reitor de Pós-Graduação** — Carlos Alfredo Joly.

### Jornal da Unicamp

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade mensal. Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081-970, Campinas-SP — Telefones (019) 788-7865, 788-7183, 788-8404. Fax (019) 239-3848. **Home-page** — <http://www.unicamp.br/imprensa>. **E-mail** — [imprensa@obelix.unicamp.br](mailto:imprensa@obelix.unicamp.br). **Editor** — Eustáquio Gomes (MTb 10.734). **Subeditor** — Amarildo Carnicel (MTb 15.519). **Redatores** — Antônio Roberto Fava (MTb 11.713), Célia Piglionne (MTb 13.837), Isabel Cristina Gardenal de Arruda Amaral, Nadir Antônia Platano Peinado (MTb 16.413), Raquel do Carmo Santos (MTb 22.473) e Roberto Costa (MTb 13.751). Colaboradores: Paulo César do Nascimento (MTb 14.812), Maristela Tesseroli Sano (MTb 22.135) e Maria do Carmo Pagani (MTb 17.631). **Fotografia** — Antoninho Marmo Perri (MTb 828). **Projeto Gráfico** — Amarildo Carnicel. **Ilustração** — Oséas de Magalhães. **Diagramação** — Roberto Costa, Dário Mendes Crispim e Hélio Costa Júnior. **Editoração Eletrônica** — Dário Mendes Crispim, Hélio Costa Júnior e Oséas de Magalhães. **Serviços Técnicos** — Clara Eli de Mello, Dulcinéia Ap. B. de Souza e Édson Lara de Almeida. **Fotolito e Impressão**: IMESP.

## COLLOR

# Tese aponta falhas em programa modernizador

*Falta de políticas complementares e impeachment do presidente Collor conduziram projeto ao insucesso*

**Maria do Carmo Pagani**

**A**mbicioso como toda política implementada no início do governo de Fernando Collor de Mello, o Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade passou a apresentar sinais de enfraquecimento com o impeachment de seu principal defensor, sem demonstrar a total capacidade apregoada em seu lançamento de promover a qualidade, ampliar a competitividade e garantir a modernização da indústria nacional. Elemento da política industrial e de comércio exterior da equipe de Collor, o programa, lançado em 1990, é apontado por alguns analistas econômicos, membros do governo e pesquisadores como marco para o avanço da produtividade e da qualidade no país.

Com a intenção de analisar o saldo positivo do programa de qualidade, Márcia da Mota Darós, graduada em administração pública, acabou formulando argumento inverso ao apregoado por esse segmento em sua dissertação de mestrado "Programa

Brasileiro de Qualidade e Produtividade: uma análise de política". O trabalho, orientado pelo professor Renato Peixoto Dagnino, foi apresentado junto ao Departamento de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências (IG) da Unicamp.

**Resultados limitados** — Em sua pesquisa, Márcia aponta que o programa teve impacto e resultados limitados se confrontados com seus objetivos, apesar de ter colaborado para a difusão do tema entre instituições e indústrias brasileiras. Atualmente seus reflexos, de acordo com a pesquisadora, podem ser evidenciados na sensibilização de alguns segmentos industriais. Mas, concretamente, conforme indicam entrevistas conduzidas para composição do trabalho, o programa exerceu forte influência nas decisões de apenas 6% dos representantes de aproximadamente 30 segmentos ouvidos. "Para 72% dos entrevistados a retração no mercado interno, e não o programa, foi preponderante na elaboração de estratégias, entre elas a implantação de técnicas e de programas internos para a melhoria da qualidade", aponta.

Com base nos dados apura-

dos em sua análise, Márcia afirma que o programa, proposto por Collor de Mello como inovador, significou uma nova forma de intervenção do Estado na economia, mas não foi, na verdade, capaz de fomentar grandes renovações na indústria. "Com a implantação, o governo repassou seu projeto para a sociedade sem articular políticas sérias e bem definidas que propiciassem capacidade competitiva à indústria brasileira", avalia.

**Capacitação tecnológica** — A pretensão do governo, que paralelamente ao lançamento do programa promovia a abertura da economia brasileira ao comércio internacional, foi a de sensibilizar a sociedade para o argumento de que a sobrevivência das empresas se daria pela valorização da qualidade. Os objetivos, porém, não foram alcançados em grande parte pelo fato de o programa não dispor de recursos financeiros que pudessem ser alocados para a capacitação da indústria e, além disso, de não ter sido considerado em sua elaboração que o parque industrial apresentava deficiências herdadas do padrão de desenvolvimento anterior que inviabilizava a



**Márcia: "Programa não teve impacto e resultados esperados"**

obtenção de níveis competitivos de qualidade e produtividade. "A indústria vivia momentos de atraso tecnológico e, portanto, apenas a motivação pela qualidade contida no programa foi insuficiente para torná-la competitiva", considera a pesquisadora.

Ao mesmo tempo, a forte concorrência das importações, a visão de curto prazo e o descompasso entre a abertura comercial e a implementação do programa fizeram com que vários segmentos econômicos promovessem a melhoria da qualidade e da produtividade por meio da redução de custos e de desperdícios. "Houve, portanto, a demissão em massa e a recusa dos trabalhadores em apoiar a modernização industrial. A colaboração

desse segmento, conforme demonstram experiências internacionais, é de importância relevante para a empresa", destaca.

Entre os aspectos negativos que contribuíram para o insucesso do programa, a pesquisadora aponta a falta de políticas públicas capazes de dar suporte para a capacitação tecnológica. "Para que influenciasse a conquista da produtividade, da qualidade e garantisse a competitividade industrial, deveriam ter sido definidos instrumentos internos que influenciassem o processo de tomada de decisão das indústrias. Esse apoio dependia da definição das características do programa e de políticas que, a ele articuladas, pudessem diminuir a deficiência acumulada ao longo dos anos pela indústria nacional.

## TECNOLOGIA

# Pesquisa avalia carne de camarão

*Sistema de criação do crustáceo influencia teores de lipídios, ácidos graxos e colesterol da carne*

**Maristela Tesseroli Sano**

**E**mbora reconheçam o alto valor protéico da carne de camarão, países desenvolvidos mostram-se relutantes em importar os crustáceos produzidos no Brasil. A falta de dados oficiais sobre a composição do alimento mostra-se um entrave à exportação do produto. Mas tese de doutorado defendida recentemente na Unicamp começa a reavaliar essa situação. O estudo comprova, por exemplo, que o alto índice de colesterol presente nos camarões é compensado pelo baixo teor de gordura e elevados níveis de ácidos graxos poliinsaturados que atuam como elementos preventivos de doenças cardiovasculares.

O trabalho "Fatores que influenciam o nível de colesterol, lipídios totais e composição de ácidos graxos em camarão e carne" foi elaborado pela química e pesquisadora do Instituto de Tecnologia de Alimentos de Campinas (Ital), Neura Bragagnolo, com orientação da professora Délia Rodríguez Amaya, da Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA) da Unicamp.

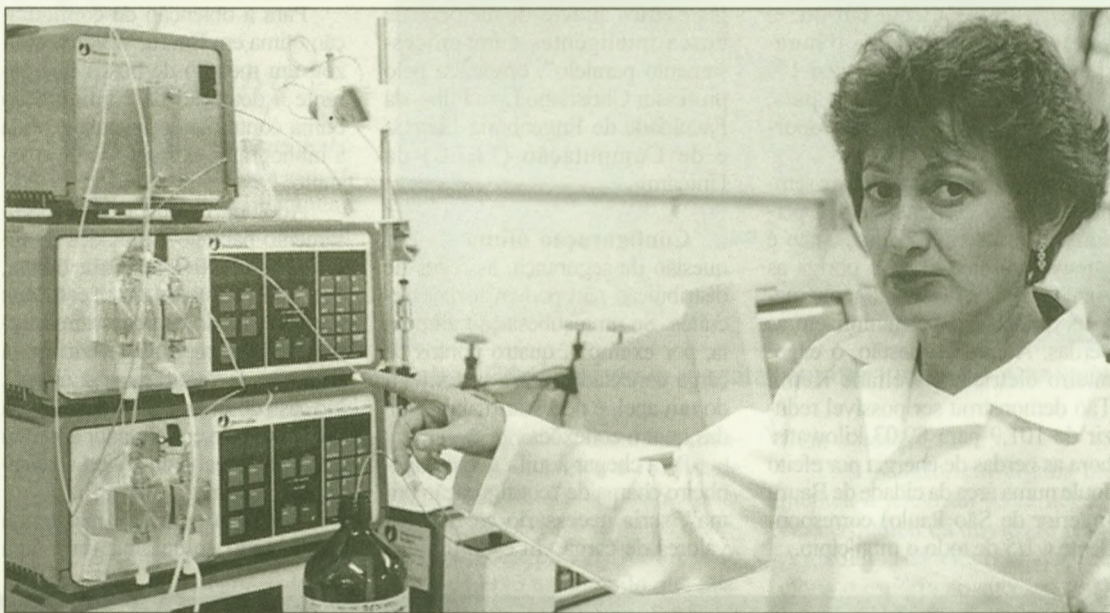
Segundo a pesquisadora, o nível de colesterol sanguíneo humano é dependente não só do teor de

colesterol encontrado nos alimentos mas também da quantidade de gordura (lipídios) e do tipo de ácido graxo que compõe essa gordura. "Assim, sentimos a necessidade de realizar um estudo integrado que pudesse avaliar estes três constituintes. Além disso, analisei fatores como tamanho, origem, espécie e sistema de criação dos crustáceos", explica a pesquisadora.

Quatro espécies de camarão — gigante da Malásia, rosa, legítimo e sete-barbas — foram selecionados por Neura. Ao final da pesquisa, ela constatou que os camarões rosa, legítimo e sete-barbas, criados em água salgada, apresentaram diferenças mínimas nos teores de lipídios, colesterol e ácidos graxos. Já a espécie gigante da Malásia, criada em cativeiro de água doce, apresentou valores maiores em lipídios e colesterol e menor valor em ácidos graxos poliinsaturados, levando a pesquisadora a concluir que apenas o sistema de criação exerceu influência nestes componentes.

"Em relação aos lipídios, por exemplo, enquanto as outras três espécies apresentaram valores médios de um grama de gordura para cada 100 gramas de amostra, o camarão gigante da Malásia apresentou taxas de 1,1%. Apesar de parecer pequena, essa diferença é significativa", afirma Neura.

No entanto, quando compara-



**Neura: alto índice de colesterol é compensado pelo baixo teor de gordura**

do ao nível de lipídios da carne bovina, esse percentual ainda é muito baixo. Cortes magros de carne bovina e filé de frango, por exemplo, apresentam valores entre 2 e 3% de gordura.

**Colesterol** — Presente em todas as membranas celulares, o colesterol exerce papel fundamental na constituição de ácidos biliares, vitamina D e hormônios sexuais. Porém, apesar da importância para o organismo, altos teores de colesterol sanguíneos estão relacionados a doenças cardio-

vasculares.

No caso dos camarões, Neura constatou que os índices de colesterol nas quatro espécies analisadas variam entre 114 e 139 miligramas para cada 100 gramas de camarão e a porcentagem de ácidos graxos saturados gira em torno de 30%. O índice de ácidos graxos poliinsaturados fica em 45%. Desse total, 30% são da série ômega 3, que atuam como elementos preventivos de doenças cardiovasculares. Em frangos e carnes bovinas, o índice de colesterol é de apenas 50 miligramas para cada

100 gramas. Em compensação, a porcentagem de ácidos graxos saturados é muito maior que a de ácidos poliinsaturados.

"É importante lembrar que para manter o colesterol sanguíneo em baixos níveis, a dieta deve ser pobre em colesterol, gordura e ácidos graxos saturados. Analisar o nível de colesterol de determinado alimento sem levar em consideração os tipos de ácidos graxos ali presentes pode nos fornecer informações incompletas para a escolha de uma dieta saudável", conclui a pesquisadora.

## ENERGIA ELÉTRICA

# Bagaçõ de cana é opção para o século 21

*A caminho de esgotar seu potencial hidrelétrico, São Paulo busca novas fontes de eletricidade*

**Paulo César Nascimento**

**D**entro de dez anos o bagaçõ de cana-de-açúcar pode se tornar uma importante fonte energética para o Estado de São Paulo. Com 87,4% de seu potencial hidrelétrico esgotado, o Estado sai em busca de alternativas capazes de suprir a demanda de eletricidade e, assim, evitar o agravamento da crise no setor.

Amplamente difundido pela imprensa como solução para o déficit de energia, o acordo firmado entre o governo federal e a Bolívia para importação do gás natural deve, realmente, minimizar o problema de São Paulo no curto prazo. A partir de janeiro de 1999, dos 16 milhões de metros cúbicos que chegarão ao Brasil diariamente, 50% serão destinados ao Estado e, desse total, sete milhões de metros cúbicos estão comprometidos para geração de energia elétrica.

O blecaute de três dias consecutivos que atingiu (em abril de 1997) a capital paulista, maior consumidora de energia do país, evidenciou

a fragilidade do setor. Entre 1980 e 1995, o Estado passou de exportador para importador de energia elétrica e, nesse período, o superávit das regiões Sul e Sudeste do país supriu a demanda.

Porém, a partir de 1995, as duas regiões começaram a registrar um aumento de consumo. Sem recursos para novos investimentos e para a ampliação da oferta de energia, o superávit transformou-se em déficit, impossibilitando a exportação para São Paulo.

**Solução em curto prazo** — Percebendo a necessidade de encontrar novas fontes alternativas de energia, o engenheiro mecânico Luís Fernando Mano Trindade elaborou a dissertação de mestrado "Perspectiva de expansão da oferta de eletricidade no Estado de São Paulo via fontes renováveis e não-renováveis de energia", orientado pelo professor Mário Oscar Cencig, da Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM) da Unicamp.

Depois de um estudo detalhado, o engenheiro concluiu que o gás natural boliviano deve contornar o problema somente até o ano 2005. Buscando outras alternativas, Mano analisou algumas possíveis fontes



**Mano: "Bagaçõ de cana gera 4 mil megawatts por ano"**

não-renováveis de energia disponíveis no Estado, como o xisto (petróleo em forma sólida) ou a turfa (um mineral formado a partir da decomposição de matéria orgânica e inorgânica). Mas alguns cálculos mostraram ao engenheiro que em 20 anos estas fontes também estariam esgotadas.

"O aproveitamento do bagaçõ de cana-de-açúcar surge, assim, como possível alternativa para São Paulo, que concentra o maior par-

que de destilarias do Brasil e responde por 60% da produção de bagaçõ", atesta Mano.

Segundo o engenheiro, por meio de um processo de gaseificação do bagaçõ de cana, denominado "Tecnologia BIG/STIG" (Gaseificação Integrada da Biomassa Associada à Turbina a Gás com Injeção de Vapor), seria possível gerar cerca de 4 mil megawatts de energia ao ano, um potencial que deve crescer ainda mais se

for feito também o processamento das pontas e folhas da cana-de-açúcar.

A idéia poderia ser colocada em prática imediatamente caso fosse solucionado um pormenor: a tecnologia para limpeza a quente dos gases ainda não é dominada por pesquisadores brasileiros. "Pelo processo BIG/STIG, o bagaçõ é colocado num gaseificador de leito fluidizado para ser gaseificado. Esse gás deve ainda passar por um processo de limpeza a quente antes de ser injetado numa turbina a gás para produção de energia elétrica. Tecnicamente, essa é a etapa mais complicada do processo", afirma o pesquisador.

Mano lembra que na Suécia e na Finlândia essa tecnologia já é utilizada para eliminar as impurezas (alcatrão e materiais álcis) dos gases obtidos no processo de gaseificação do tronco dos pinheiros. No Brasil, grupos de pesquisadores estão trabalhando para adequar essa tecnologia às necessidades do país. A expectativa é que dentro de dez anos seja possível utilizar o processo BIG/STIG para a gaseificação do bagaçõ de cana-de-açúcar em destilarias e usinas do Estado, afastando definitivamente o fantasma do racionamento de energia elétrica.

## EFEITO JOULE

## Método reduz dissipação de energia

*Engenheiro consegue diminuir em 1% a perda de energia na rede de transmissão na cidade de Bauru*

**A**té chegar à casa do consumidor, 10% da energia gerada nas usinas hidrelétricas dissipam-se pelas redes de transmissão e distribuição em forma de calor devido ao fenômeno conhecido como efeito Joule. Num momento em que o governo brasileiro adota o horário de verão para economizar 1% da energia consumida no país, esse desperdício assume proporções assustadoras.

Como o efeito Joule ocorre sempre que uma corrente elétrica percorre um material condutor, não é possível eliminá-lo. Isso obriga as concessionárias a encontrar alternativas que ao menos minimizem as perdas. Atento à questão, o engenheiro eletricitista Welfane Kemil Tão demonstrou ser possível reduzir de 101,9 para 89,03 kilowatts/hora as perdas de energia por efeito Joule numa área da cidade de Bauru (interior de São Paulo) correspondente a 1/5 de todo o município.

Se comparados os números, a economia obtida por Welfane em Bauru equivaleria ao ganho total do governo federal durante os meses de vigência do horário de verão. Os resultados obtidos pelo engenheiro integram a dissertação de mestrado "Minimização de perdas em redes de distribuição de energia elétrica através de métodos de busca inteligentes com processamento paralelo", orientada pelo professor Christiano Lyra Filho, da Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação (FEEC) da Unicamp.

**Configuração ótima** — Por questão de segurança, as redes de distribuição não podem fechar circuitos. Se uma subestação alimenta, por exemplo, quatro pontos de carga conectados entre si, formando um anel, é necessário abrir uma das quatro conexões.

Para chegar àquilo que o engenheiro chama de "configuração ótima", seria necessário calcular os valores de carga em cada um dos

quatro pontos. No entanto, os valores das cargas em cada ponto utilizadas no cálculo variam ao longo do dia, fazendo com que a solução obtida agora possa não ser a ótima daqui a algumas horas. Após as seis horas da tarde, por exemplo, as cargas costumam diminuir nos centros da cidade e aumentar nos bairros.

Para a obtenção da configuração ótima em Bauru, Welfane utilizou um método de busca que garante a detecção da configuração ótima contrariando, inclusive, toda a bibliografia existente sobre o assunto.

Adotando técnicas de processamento paralelo e métodos de inteligência artificial para busca, Welfane conseguiu fazer com que seis computadores trocassem informações entre si, agilizando a detecção da "configuração ótima". No caso de Bauru, por exemplo, em dez minutos o computador apontou a solução ideal para a área analisada por Welfane.

"Embora eu ainda não tenha conseguido solucionar uma área



**Welfane: método contraria bibliografia sobre o assunto**

muito grande, estou apontando caminhos que podem levar a isto. Um desses caminhos seria tentar encontrar configurações ótimas em cada uma das áreas de uma cidade e, depois, integrar essas soluções", propõe o engenheiro.

Além da rede de distribuição de energia da cidade de Bauru, Welfane realizou testes com arquivos de dados de uma rede hipotética e da rede de Baran e Wu, um parâmetro mundial para quem se dispõe a estudar o assunto. (P.C.N.)

## Posto da Real Seguros na UNICAMP. Pra você viver bem o presente e programar o futuro.

Agora você que é aluno, professor ou funcionário da UNICAMP, tem um motivo para viver tranquilo. Com o posto da Real Seguros no Campus, você pode adquirir nossos produtos e ganhar descontos no seguro de seu automóvel. E contar ainda com o atendimento diferenciado e o moderno conceito de seguro RealPac que oferece uma série de facilidades e descontos progressivos. Corra para cuidar de seu presente e programar seu futuro com as vantagens da Real Seguros.

**RealPac**

Posto da Real Seguros - Av. Roxo Moreira, s/n.

**Real Seguros**

## LINGUAGEM

# Estudo discute uso do pronome 'você'

Pesquisadora constata inflexibilidade das gramáticas

**Isabel Gardenal**

A língua está longe de se apresentar como fato homogêneo. Ela varia com os mais diversos fatores de ordem social, espacial e temporal, seja com a intenção do falante ou com elementos da situação concreta de comunicação. A precisa descrição de um fato lingüístico está ligada à maneira pela qual essas questões são avaliadas e, na maioria das vezes, essa tarefa deixa muito a desejar. É o que mostram certas gramáticas, manuais e compêndios quando sistematizam algum fato da língua portuguesa.

Esse tema é descrito na dissertação de mestrado "Quem é 'você'? Análise de um pronome pessoal", da lingüista Elaine Alcará Corradello, apresentada junto ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Orientada pelo professor Sírio Possenti, a pesquisa mostra que o pronome de tratamento da segunda pessoa 'você' nem sempre pode ser analisado como referência única ao interlocutor. Na fala, 'você' pode aparecer como referência ao locutor, outras ao

locutor mais um grupo de pessoas (menos o interlocutor), outras ainda a uma terceira pessoa e, por fim, ao locutor mais interlocutor, 'mais todo mundo' ou 'quem quer que seja', que é o tipo mais comum de indeterminação.

O uso indeterminador do pronome 'você' é freqüente no português falado no Brasil, embora não reconhecido pela tradição gramatical. Mesmo nas gramáticas atuais, o pronome é apresentado como referência à segunda pessoa, substituto do 'tu'. Outras línguas, como espanhol e francês, usam esses mesmos recursos, que permitem, às vezes, serem compreendidos como genéricos.

**Origem** — Elaine revela que na fala houve transformações no emprego do pronome 'você'. Observou que a maioria dos pesquisadores que analisaram a sua origem no português considera que ele é simplificação do pronome 'vossa mercê'. O termo, utilizado no século 14 em Portugal para tratamento exclusivo de reis, no Brasil adquiriu o sentido atual no século 19.

A concordância de 'vossa mercê' é um caso da terceira pessoa do singular ('vossa mercê está'),

por concordar com o substantivo 'mercê', e não com a segunda ('tu'). A imprecisão conceitual tem, portanto, razão de ser na incompatibilidade entre pessoa e concordância. E foi esse o motivo para alguns gramáticos definirem o pronome 'você' como sendo da terceira pessoa, já que a concordância dá-se na mesma pessoa, não com a segunda.

Um aspecto identificado pela pesquisadora é que as gramáticas tradicionais reconhecem apenas a indeterminação da terceira pessoa do singular de alguns verbos mais a partícula '-se' ('vive-se bem') e da terceira pessoa do plural sem referência anterior ('roubaram o banco'). Recursos como 'você', 'a gente', 'o pessoal' e 'o cara' raramente aparecem na gramática. Apenas ilustram notas de rodapé ou observações.

**Contexto** — Em sua dissertação a lingüista inclui uma análise sociolingüística e outra qualitativa, ou pragmático-discursiva. Foram estudados 18 inquiridos do projeto de Norma Urbana Lingüística Culta (Nurc), da coleção *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo* — com entrevistas, diálogos, aulas e conferên-



Elaine: "Transformações no emprego do pronome"

cias —, totalizando 405 ocorrências do uso do pronome 'você'.

A análise sociolingüística mostrou que fatores sociais como sexo, faixa etária e grau de formalidade, e fatores lingüísticos como situação de fala influenciam a indeterminação do pronome 'você'. Hierarquicamente aparece o grau de formalidade apontando situações menos formais no uso do indeterminador. Em seguida aparece a situação de fala indicando os diálogos entre dois informantes e, depois, a faixa etária entre 25 e 35 anos. Por último, o fator sexo mostra que homens utilizam mais 'você' que mulheres.

A análise qualitativa possibilitou chegar ao significado do pronome através da análise contextual, posicionamento dos interlocutores, intenções e todas as estratégias do discurso. Elaine constatou que a satisfatória delimitação de um referente só pode

ser legítima se considerado o contexto de situação do enunciado, estando presentes fatores lingüísticos e extralingüísticos. Isso porque um tratamento puramente gramatical ou que se detenha apenas em questões sociolingüísticas ou semântico-pragmático-discursivas não forneceria material para avaliação da verdadeira natureza e função do pronome.

As análises permitiram concluir que há influência de fatores sociais no uso do indeterminador e relação de aproximação entre interlocutores. A lingüista acredita que o pronome em questão pode vir a se incorporar à gramática normativa, dado o constante uso pelas pessoas. "É fundamental que a gramática não deixe de abordar questões importantes da oralidade, como é o caso de 'você'", sugere Elaine.

## ESPETÁCULO

# Mídia altera conceito clássico de esporte

Televisão fragmenta e descontextualiza o fenômeno esportivo

A mídia alterou o conceito clássico de esporte. A competição, a comparação de desempenho, a busca da vitória ou do recorde, enfim os critérios clássicos da sociologia que definem a atividade esportiva vêm sendo ignorados pelos órgãos de imprensa. Especialmente na televisão, ganha espaço o esporte espetáculo, um fenômeno que mudou a forma como a sociedade dos anos 90 pensa, vê e pratica esporte.

Portanto, se os professores de educação física quiserem continuar intervindo nesse campo, precisam conhecer os fundamentos do esporte espetáculo, levando em consideração esse novo fenômeno esportivo ao propor ações educativas. Formar um telespectador crítico, inteligente e sensível passa a ser uma nova tarefa para os profissionais.

O alerta é do professor de educação física Mauro Betti, autor da tese de doutorado "A janela de vidro: esporte, televisão e educação física", defendida recentemente na Faculdade de Educação (FE) da Unicamp com orientação

do professor Néelson Carvalho Marcellino.

Para Mauro, ao trabalhar com a lógica da espetacularização, a televisão fragmenta e descontextualiza o fenômeno esportivo, construindo uma realidade autônoma que ele chama de esporte telespetáculo. "A esportividade não é sugerida aos indivíduos como uma prática corporal para ser usufruída como uma forma natural de exercício de motricidade. Ao dar destaque para o esporte profissional, a TV passou a mostrar a atividade principalmente como sinônimo de recompensa financeira ou de um esforço extenuante. Porém, é importante ressaltar que a TV não se restringiu a isso na medida em que ampliou o significado da palavra esporte", atesta o pesquisador.

**Onipresença** — Procurando interpretar o discurso da mídia, Mauro reuniu mais de 200 horas de gravação entre os mais diferentes gêneros de programas televisivos. Desse total, ele conseguiu selecionar 100 horas em que, de alguma maneira, estavam presentes discursos referentes ao esporte.

"Nesse estudo, procurei detectar os sentidos da palavra esporte para a TV e discutir criticamente a repercussão desses novos conceitos para a educação física enquanto prática educacional", explica Mauro. Segundo o pesquisador, a exploração exaustiva do tema pela mídia provoca um impacto na maneira como as pessoas percebem e praticam esportes, colocando em xeque muitos valores e finalidades anteriormente consolidados nessa área.

"O esporte telespetáculo já está incorporado à cabeça de nossos alunos e, por isso, precisamos levar em conta esse fato ao propor nossas ações educativas. Isso não significa, no entanto, aceitação passiva, acrítica e conformista da situação", destaca o pesquisador.

**Fenômeno** — Foi na década de 80 que a sociologia identificou o esporte espetáculo como fenômeno social. Distinguindo-se do esporte convencional, o "show" esportivo passou a ter consumidores e a televisão transformou-se na grande mediadora entre o atleta e o público.

Percebendo na atividade espor-



Betti: "Educador deve resgatar caráter lúdico da atividade"

tiva uma moeda cultural facilmente intercambiável e a facilidade com que o esporte se presta a criar estereótipos, a TV ampliou o significado da palavra colocando num só bojo tudo aquilo que possa ser "vendido" ao telespectador como esporte.

Assim, andar de moto por uma trilha, escalar uma cachoeira congelada ou descer pela boca de uma caverna pendurada numa corda são consideradas atividades esportivas. "Os critérios clássicos foram subvertidos e cabe a nós, educadores físicos, mostrar à sociedade que o esporte não é algo homogêneo como a televisão nos faz crer. Mais do que isso, temos a importante missão de resgatar o lúdico e a satisfação pessoal que a prática de uma atividade física proporciona aos indivíduos",

frisa o pesquisador.

Para Mauro, em alguns momentos a televisão tenta negar o caráter lúdico da atividade física. A ideologia da televisão, que relaciona o esporte ao sucesso financeiro, ao esforço extenuante ou à glória do campeão, é transmitida não só aos adultos mas principalmente às crianças que deixam de associar o esporte à brincadeira, à diversão e ao desenvolvimento.

"A criança muito cedo começa a ver no esporte uma forma de ascensão social, de enriquecimento ou fama, e não mais uma maneira de se desenvolver fisicamente. Assim, os educadores têm a missão de manter vivos os contraestereótipos, ou seja, mostrar que ao lado das medalhas está a satisfação pessoal de praticar esporte e ao lado do esporte-trabalho está o esporte-lazer", conclui. (M.T.S.)

## EDUCAÇÃO

# Estudo diz que professor lê pouco

*Pesquisadora aponta que a maioria se limita à leitura legitimada, a dos livros de literatura*

**M**ais do que a afeição pela leitura de clássicos, a experiência acumulada desde a infância com as histórias contadas pelos pais soma pontos na formação de professores e pode fazer deles incentivadores da leitura. A formulação deste conceito, tema da dissertação de mestrado "Histórias de leitura: a formação do professor leitor", elaborada por Gláucia Maria Piatto Tardelli, foi subsidiada por entrevistas com professores das redes municipal e estadual de Campinas e, também, por sua própria convivência com as dificuldades do ensino nos quatro anos em que atuou, de 1991 a 1995, como professora da rede pública.

O contato com os professores, todos eles de classe média, integrantes da primeira geração da família que cursou faculdade, e que começaram a lecionar durante a ditadura militar, foi um dos elementos fundamentais da pesquisa, orientada pela professora Raquel Salek Fiad, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. Os sujeitos da pesquisa tinham também outra particularidade: todos participaram do Projeto de Desenvolvimento de Práticas de Leitura e Produção de Textos, realizado em alguns estados brasileiros, inclusive em São Paulo, onde, na cidade de Campinas,

ocorreu nos anos de 1984 a 1987. Esse projeto foi coordenado por professores da Unicamp e tinha como proposta a discussão de um trabalho de ensino da língua portuguesa que privilegiava o texto oral e escrito em detrimento do uso do livro didático e do ensino tradicional de gramática, muito comum nas escolas brasileiras.

**Realidade** — A pesquisadora conta que no decorrer das entrevistas passou a conviver com uma realidade diferente da apreendida, de que os professores têm deficiências na formação como leitores e que lêem menos do que necessitam para o exercício da profissão. Em geral o que constuma contribuir para a difusão desse estereótipo, opina Gláucia, é o fato de muitos trabalhos atribuírem importância relevante apenas à leitura legitimada, a dos livros de literatura.

Em sua avaliação, porém, a experiência acumulada e a história de vida dos professores devem ser consideradas antes da emissão de conceitos que não representam a verdade absoluta. "Todos os professores ouvidos para a elaboração



Gláucia: fenômeno está diretamente ligado à história de vida dos professores

do trabalho demonstraram ter, em algum momento de suas carreiras, sofrido a angústia ao notarem que o modo tradicional de ensinar não valorizava as práticas de leitura que eles haviam experimentado durante todas as suas vidas", conta. Muitos deles passaram então a trabalhar com textos de jornais, por exemplo, em salas de aula. "Apesar de artigos de jornais não integrarem o modo institucionalizado de ensinar a língua, eles se constituem de fato em importantes materiais de leitura", considera.

Outra característica notada em maioria entre os pesquisados foi a de que, apesar do fato de alguns deles serem integrantes de famí-

as de instrução quase precária, os próprios pais eram grandes incentivadores da leitura. Em geral, esses professores tiveram contato com revistas da época, como Tico-Tico, almanaques e edições de textos de Madame Delly. Mantinham ainda bibliotecas em suas casas, costumeiramente montadas pelo pai, que também se encarregava de decidir o tipo de leitura dos filhos. Tiveram, além disso, contato com obras literárias como as de José de Alencar, Machado de Assis e Eça de Queirós. Ao iniciarem a carreira e até mesmo no decorrer dela, comenta a pesquisadora, enfrentaram o conflito de estarem atrelados à rigidez do livro di-

dático e do ensino tradicional da gramática e, por conseqüência, viram-se impedidos de transmitir aos alunos as experiências com os textos adquiridas ao longo de suas vidas, pelo simples fato dessas práticas não terem sido baseadas exclusivamente no que se convencionou qualificar como legítimo.

**Novas propostas** — Com base na constatação de seu trabalho, Gláucia questiona a realização de determinados cursos de reciclagem para aperfeiçoamento da leitura entre os professores e defende o resgate de alguns eventos de leitura no lugar da rigidez dos livros, em especial o didático. Antes disso, diz a pesquisadora, é preciso conhecer os alunos e também os professores, e para isso é necessário ouvi-los. O eixo da questão está na mudança da metodologia do ensino da língua portuguesa nas escolas.

Nesse sentido, propõe o engajamento para que o professor passe a ter ciência de que sua própria experiência de leitura, incluindo as histórias contadas desde a infância, contribui para a formação de novos leitores porque, afinal, destaca Gláucia, a criança tem permanentemente contato com a leitura por meio de cartazes de publicidade, até mesmo vendo televisão, só para citar alguns exemplos. (M.C.P.)

## COMPORTAMENTO

## Mulher leitora era criticada no século 19

*Moças abandonavam leitura para preservar casamento*

**B**rancas, mulatas, ricas e instruídas, pobres e ignorantes. Não importa, quanto mais letradas mais infelizes eram as mulheres leitoras, produto do imaginário de escritores do final do século passado e começo deste. A leitura, na época, era considerada sinônimo de submissão, desarmonia e incompatibilidade entre a vida familiar e a profissional.

Bárbara Heller, professora de literatura infantil da Fundação Santo André, e da Unip, São Paulo, analisou comportamentos, atitudes de personagens femininas leitoras que povoaram obras de Lima Barreto, França Júnior, Coelho Neto, Valentim Magalhães, Júlia Lopes de Almeida, Adolfo Caminha e Rachel de Queirós. De acordo com a pesquisadora, embora ficcionais, "essas leitoras pareciam sugerir a lenta e tortuosa trajetória das brasileiras que viveram nesse período rumo aos livros". Apesar de ter havido entre 1890 e 1920, alguns movimentos sócio-econômicos priorizando a necessidade da educação feminina —

especialmente as campanhas contra o analfabetismo desenvolvidas pelo governo e as reivindicações do movimento feminista brasileiro —, a história da formação das mulheres no Brasil confirma a difícil constituição do público leitor feminino.

Bárbara é autora da tese de doutorado "Em busca de novos papéis: imagens da mulher leitora no Brasil (1890-1920)", orientada pela professora Marisa Lajolo e apresentada ao Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-Unicamp). A dissertação faz parte do projeto "Memória de Leitura", em desenvolvimento no IEL sob a coordenação de Marisa. Bárbara, que desenvolveu seus estudos com bolsa da Capes, revela que havia à época um estado de tensão entre as mulheres "educadas e, portanto, leitoras em potencial", e alguns segmentos da sociedade que se opunham à emancipação intelectual feminina e, evidentemente, ao hábito de leitura. Numericamente mais alfabetizadas que as gerações anteriores a 1920, ainda assim as mulheres brasileiras sofriam forte resistência para se

tornarem leitoras. "Tanto a Igreja como a família consideravam os romances, especificamente os naturalistas franceses, nocivos e perigosos à formação da moral feminina. Justificavam assim a necessidade de tutelar a mulher leitora a fim de evitar que ela se tornasse imoral e leviana", diz Bárbara. As mulheres que viveram os primeiros tempos pós-modernos aprendiam a ler e a escrever para que soubessem ensinar as primeiras letras e as primeiras operações matemáticas a seus filhos, como sugeria o pensamento positivista vigente no Brasil. "No entanto, as leitoras ficcionais, quando ultrapassavam esse limite, corriam o risco de ter que escolher entre o casamento — ambição da maior parte das moças da época — e uma vida um pouco mais intelectualizada. Para alguns autores da época a vida familiar e a profissional eram incompatíveis", observa Bárbara.

**Ruptura** — No romance *As Doutoradas*, de França Júnior, a



Bárbara: "A literatura era nociva à formação da moral feminina"

personagem feminina Luísa chega a formar-se em medicina e casa-se. Depois de algum tempo abandona a carreira e volta a praticar a medicina caseira para curar as enfermidades do próprio filho. "Nesse momento da história ocorre, por parte da mulher, uma ruptura na sua vida profissional, que a libera para a convivência familiar", diz Bárbara.

Nos romances, era comum moças abandonarem a leitura a fim de preservar o casamento. E as que tentavam manter o interesse pelos livros não se casavam e não conseguiam ser felizes na vida pessoal. Edigarda, principal personagem feminina do romance *Numa e a Ninfa*, de Lima Barreto, no início da história aparentava poder conciliar sem dificuldades o casamento com os hábitos de leitura. No final do romance descobre-se que Edigarda

mantinha um casamento de aparências; ela se relacionava amorosamente com seu primo, que costumeiramente redigia os discursos que o marido de Edigarda pronunciava na Câmara. Ocorre que Numa, o marido, que acreditava ser Edigarda quem os escrevia, surpreendeu-os namorando na biblioteca particular da esposa. "Mas, a fim de preservar o seu cargo político, Numa resolve calar-se, fingir que não sabe de nada", revela a pesquisadora. Alguns romances da época sugerem a formação do público leitor feminino, uma vez que descrevem a construção de espaços privados destinados à leitora feminina. No romance *Correio da Roça*, de Júlia Lopes de Almeida, a narradora feminina em primeira pessoa diz que tinha até uma escrivãinha onde lia e escrevia cartas sem a interferência de ninguém. (A.R.F.)

**Olha a promoção aí:  
15 tipos de pizza por**  
**R\$ 9,90**  
cada



Av. Santa Isabel 401  
Fone 239-3514

**FORNO A LENHA**

**Motta tem a chave pra deixar  
bem segura a sua casa  
e tudo que está lá dentro.**

Os melhores planos de Seguro Residencial. Consulte.



**MOTTA  
SEGUROS**

Orçamento com as melhores  
companhias do mercado  
Fone/Fax (019) 239-4897

**27 anos de habilitação profissional**  
AUTOMÓVEL RESIDÊNCIA EMPRESA VIDA SAÚDE CONDOMÍNIO  
Galeria Flamboyant, loja 12 - Barão Geraldo

Camp Chaves  
Cópias de todos os modelos

**CHAVEIRO**



**24 HORAS**  
Fone 239-0892

Rua Dr. José Anderson 435 - Próx. ao HC

Fotos p/ documentos  
em 5 minutos  
Revelação Kodak  
Filmes



Fone (019)  
239-0877

**FOTOCAMP**  
R. Dr. José Anderson 435-A  
(ao lado do Banco Real)



**Roteiro de  
Oportunidades**

*La Villette*

**AMODA TOTAL**

*Sempre novidades*

F. 239-0091 Galeria Flamboyant Piso térreo - B. Geraldo

**CIMBAC COM. IND. LTDA.**

**BLOCOS DE CONCRETO, MUROS  
PRÉ-MOLDADOS, ALAMBRADOS**  
Mão-de-obra especializada

Av. Sta Isabel 737 - B. Geraldo - F. (019) 239-3876

A Attualità Turismo leva você  
"Em Algum Lugar do Passado"  
ao encontro de suas raízes. Venha programar sua viagem.

E-mail: attualità@lexxa.com.br  
Fone/Fax  
239-0469  
Galeria  
Flamboyant  
Loja 13



**ATTUALITÀ**  
TURISMO



**Instituto  
do Pé**

**Serviço de Pedicuro  
Calçados e Produtos  
Dr. Scholl**

Convênio SAS:  
preços promocionais

**Fone (019) 239 0307**  
Galeria Flamboyant - Lj. 14



**Imobiliária  
Cidade Universitária**

LOCAÇÃO - VENDAS - ADMINISTRAÇÃO

Av. Dr. Romeu Tórtima 624 - Telefax: 239-3322  
Cidade Universitária - Barão Geraldo - Campinas

**Prato Bello**

**Self Service por quilo: Almoço, Tortas, Sorvete**  
**Salgados para festas**

**Servimos Coffee Break no seu evento**

R. Roxo Moreira 1830 Cidade Universitária  
A 50 m da Reitoria Fone (019) 239-0084

**Moda**  
Feminina - Masculina - Íntima - Calçados

**Tudo em 3x.**  
Av. Roxo Moreira 1790 - Cid. Universitária  
Ao lado da Reitoria - Fone (019) 239-0999

**loja  
Fiscop**

Conheça também  
a seção (anexa)  
**TUDO POR 1,99**  
Papeleria - Utilidades - Presentes - Brinquedos

**E agora com  
a seção  
TUDO por até 9,99**  
Roupas e calçados  
R. Dr. José Anderson 435 - Ao lado do B. Real  
Fone (019) 239-1533

**BUFFET UNIÃO**

79 anos de  
Tradição

**TUDO PARA FORMATURA**

Salão para 2.000 pessoas. Colação, coquetéis,  
jantares; baile de formatura e outros eventos.  
CONVITE, BECAS, FLORES, CANUDOS, SOM, FOTOS, FILMAGENS

**Orçamentos: (019) 231-5956 - 231-7815**  
FACILITA-SE O PAGAMENTO.

Rua Abolição 1.580 - Ponte Preta - Campinas - Próx. ao Hiperm. Extra

**CONVÊNIO UNICAMP**

Você entrega/retira os filmes no STU às 2as., 4as. e 6as.  
Revelação com qualidade e cores profissionais, sem pagar  
mais por isso: filme 12 - R\$ 4,75; 24 - R\$ 8,59; 36 - R\$ 12,43.

**FOTO FERRARI**

Conheça nossas lojas no Convívio, Unimart e Iguatemi.  
Excelentes promoções e facilidades de pagamento.  
Os melhores produtos  
e a Revelação 1 Hora

Fone (019) 231-5877




**INFORMÁTICA  
CARUSO**

**TecNisys**

**PENTIUM  
166 MMX  
1.190,00**

**PENTIUM  
200 MHZ/MMX  
1.290,00**

**FAX MODEN  
33.600  
180,00**

Loja 1 - R. Luíza de Gusmão 477  
V. Nogueira - Campinas - F. (019) 255-1170

Loja 2 - Av. Dr. Romeu Tórtima 413  
Barão Geraldo - Campinas  
Telefax: (019) 239-2734



FOTO ILUSTRATIVA

Galeria Flamboyant  
Loja 16

**Wrangler®**  
**é na  
MONTAÍNE**

Fone (019) 239-9684  
Av. Albino J. B. Oliveira 830  
Barão Geraldo

**E TAMBÉM A MODA INDIANA**

**Elisa com S**  
Acessórios de Decoração

INTERIORES,  
PISCINA, JARDIM,  
CHURRASQUEIRA

Presentes personalizados  
Listas de Casamento  
PREÇOS ESPECIAIS!

Fone/Fax: (019) 239-3113  
Galeria Flamboyant - Lj. 11

**Serviço Completo ou Venda a Varejo**

Orçamento sem  
compromisso

Ligue para (019)  
239-0404

Mais qualidade em  
toda a variedade  
de carnes para  
tornar o seu  
churrasco  
mais gostoso.



**ESPETINHOS  
CAMPINAS**

R. Maria Ferreira  
Antunes 133  
(cruza a estrada  
da Rhodia na  
altura  
do nº 2.000)

**COMEMORAÇÕES - FORMATURAS - CASAMENTOS**

## ROMANCE

# Tese analisa preconceito na obra de Machado

Pesquisadora refuta acusação de indiferença social no escritor

**Antônio Roberto Fava**

Se considerado o escritor brasileiro de maior prestígio fora do país e apontado como o mais importante ficcionista da literatura brasileira não impediu que o romancista Machado de Assis (1839-1908) fosse objeto de críticas. O autor de *Quincas Borba* e *Dom Casmurro* foi cruelmente tachado de alguém que, para conseguir ascensão social, negou a própria raça, omitiu-se na luta pela liberdade dos escravos e não os incluiu em suas obras.

Mas a acusação parece não condizer com a verdade. A pesquisadora Mailde Jerônimo Trípoli tenta provar o contrário. Ela diz que quase toda a obra de Machado de Assis — nascido no morro do Livramento, no Rio de Janeiro, em 1839 — está recheada de situações onde o escritor fala do negro, do preconceito e do racismo, embora a presença do escravo em seus romances, contos e crônicas seja uma ques-



ção um tanto controversa. Esse era um tema que intrigava a pesquisadora. “Como é que um dos maiores escritores do mundo poderia agir de uma maneira tão anti-ética, ingênua e perversa?”, indaga.

Mailde é autora da dissertação de mestrado “Imagens, máscaras e mitos: o negro na literatura brasileira no tempo de Machado de Assis”, apresentada ao Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, sob a orientação da professora Suzi Sperber. Formada em teoria literária pela Unicamp, ela passou três anos investigando a figura do negro na obra de Machado. O escritor era mulato. No entanto, esse fato nada tem a ver com a qualidade ou o reconhecimento de sua obra. “Morto, porém, a cor do romancista foi o recurso que alguns críticos da época usaram na tentativa de arrancar-lhe o brilho”, explica Mailde. Ela ressalta que Machado foi um romancista que costumava escrever nas entrelinhas.

“Com relação à escravidão,

sua técnica era a da exposição dos fatos. Não os discutia, não tomava partido: seu silêncio dizia mais”, diz Mailde.

A pesquisadora ressalta que Machado não era um escritor panfletário, porque se preocupava essencialmente com o homem na sua interioridade psicológica e moral. O escravo, antes de sua condição servil, era um ser humano; e como tal era visto e retratado pelo escritor.

**Questão de estilo** — Um exemplo que desmente que o autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* excluía os escravos e que evitava abordar temas relacionados à escravidão, está no conto “O caso da vara”. A história revela os maus tratos da jovem escrava Lucrécia nas mãos de Sinhá Rita, sua patroa.

Segundo Mailde, é nas crônicas que Machado fala mais abertamente da escravidão. Uma dessas crônicas, datada de 27 de abril de 1888, tem como pretexto a notícia de que alguns fazendeiros haviam libertado seus escravos e estabeleciam seus salários para a colheita seguinte. “Iludidos e manipulados, os escravos dão vivas ao Partido Liberal e aos fazendeiros”, ressalta Mailde. Machado sabe que a generosidade não vai muito além de seus próprios interesses: em geral, ao



Mailde: “Silêncio de Machado dizia tudo”

libertar o escravo, esperam conservá-lo trabalhando por gratidão. “O escritor sabe que o escravo não tem nenhum bem que o possibilite começar uma nova vida”, explica a pesquisadora.

— Sei que hoje pode ser um modo de empregar libertos, e deixo esta idéia no papel” — diz o romancista na crônica.

Machado era um garoto de dez anos quando a mãe morreu. Aos 14 anos começou a frequentar a roda de escritores da gráfi-

ca do jornalista Paula Brito, onde mais tarde se empregou como aprendiz de tipógrafo. A vida que levava — dividida entre a pobreza e o meio intelectual dos escritores — levou alguns críticos da época a afirmar que era responsável pelo pessimismo que caracteriza a sua obra. No entanto, Mailde observa que esse pessimismo “não é uma característica do homem Machado de Assis, mas sim um recurso estilístico precioso para a literatura que fazia”.

## POESIA

# Pesquisa revela a face oculta de Murilo Mendes

Conversão ao catolicismo não excluía interesse pelo hinduísmo

Criticado pelos modernistas, por sua religiosidade assumida pela Igreja por seu catolicismo pouco ortodoxo, o poeta mineiro Murilo Mendes jamais ocupou lugar de destaque na galeria das celebridades da literatura nacional. Uma pesquisa na biblioteca pessoal do poeta, no Centro de Estudos Murilo Mendes, em Juiz de Fora (MG), para a tese de doutorado da professora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Alda Maria Quadros do Couto, no entanto, possibilitou a descoberta de dados inéditos sobre seu trabalho e contribuiu para que as avaliações sobre sua importância no cenário da literatura brasileira possam ser revistas.

O trabalho “O sinal de Deus na cartografia crítica de Murilo Mendes”, orientado pelo professor Luiz Carlos Dantas e apresentado ao Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), surgiu da proposta inicial de Alda, que pretendia estudar aspectos literá-

rios da pintura do Mato Grosso do Sul. Ao imergir na obra da artista Lídia Baís, que mantinha correspondência com o poeta em 1930, a pesquisadora passou a identificar uma faceta de Mendes ainda desconhecida dos especialistas em literatura brasileira.

**Influência hinduísta** — Alda decidiu pesquisar a biblioteca pessoal de Murilo Mendes e, a partir de então, iniciaram-se as novas descobertas sobre o poeta. Uma delas explica sua visão heterodoxa da religião. O autor de poesias religiosas de extrema sensualidade, diz a pesquisadora, era influenciado pela leitura, em francês, de livros sobre religiões orientais, em especial o hinduísmo. Isso pôde ser comprovado a partir do levantamento de 24 publicações lidas e anotadas pelo poeta.

Na década de 30, Murilo era criticado pelos modernistas e fazia questão de assumir sua religiosidade dominada por idéias provenientes da defesa do “essencialismo”, modelo filosófico

criado pelo artista Ismael Nery, amigo de Murilo e de Lídia Baís. O modelo que defendia e que exerceu séria influência em seu trabalho tem sido desprezado pelos estudiosos do poeta. “Apenas recentemente é que começou a despertar interesse dos que querem aprofundar-se nos estudos sobre Murilo Mendes”, diz.

Entre os documentos da pintora, Alda encontrou também uma carta de Murilo Mendes para Mário de Andrade, a quem solicitava apoio para Lídia Baís, que pretendia montar uma exposição em São Paulo. A correspondência, datada de 1930, revela Murilo como um sólido crítico de arte. Em trabalhos anteriores sustenta-se que o poeta passou a elaborar críticas de arte apenas dois anos mais tarde. Nas cartas trocadas com a pintora, ele se mostra preocupado em apontar a posição acadêmica do trabalho de Lídia, sugerindo inovações. “Havia coerência significativa entre sua poesia e a crítica que fazia, não só Lídia, mas também em crônicas no Brasil e na Europa, para onde mudou-se em 1957,



Alda: pesquisa traz aspectos inovadores e mostra a importância do poeta mineiro no cenário mundial

tornando-se professor da Universidade de Roma”, assinala.

A localização de uma “antologia universal” publicada em Portugal, em 1962, e apresentada pelo filósofo francês Jean Guitton, também descoberta na

pesquisa, revela aspectos inovadores e a importância do poeta no cenário mundial. A antologia, intitulada *Os Dias do Senhor*, propunha-se a substituir as orações tradicionais da liturgia católica. (M.C.P.)